

DIÁLOGOS COM O PASSADO: A NARRATIVA HISTÓRICA COMO FERRAMENTA PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA DEMOCRACIA INCLUSIVA

DIALOGUES DE HIER: LE RÉCIT HISTORIQUE COMME UN OUTIL POUR LA CONSTRUCTION D'UNE DÉMOCRATIE INCLUSIVE

Ernane Salles da Costa Júnior¹

Rodrigo Dias Silveira²

RESUMO

A abertura à construção do diálogo como forma de construção da identidade é hodiernamente o maior problema que se põe ao Ocidente. Numa sociedade que prima pela desconsideração do outro como ser humano, tornando-no objeto de colonização, questões ainda mal resolvidas de nosso passado recente tornam-se ferramenta de toque para a perpetuação do cruento jogo de poder que marca e desafia a história da humanidade. É o que ocorre com a reprovável história dos campos de concentração nazistas e a falta de uma ressignificação que vise a libertação do ser humano de seus erros passados. Tomando por linha mestra a narrativa histórica das sobreviventes do campo de concentração de Ravensbrück, o presente artigo tem por escopo demonstrar a importância do diálogo como arma apta a resistir à desumanização imposta pelos campos de concentração, demonstrando que mesmo em meio a tão cruel, inumana e perversa experiência, o diálogo se demonstra como a única e viável forma de manutenção do humano, através da contraposição de experiências do “eu” e do “outro” a formar um “nós”, algo que se torna de vital importância para a construção de uma sociedade plural e democrática, em que todos tenham suas histórias, direitos e deveres em convivência harmônica e justa.

¹Graduado na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUCMinas, Mestre em teoria do Direito pela PUCMinas e Doutorando em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais.

² Especialista em Ciências Criminais pela Faculdade de Direito de Ipatinga, Doutorando em Direito Processual Penal pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais. Advogado militante.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa histórica; diálogo; alteridade; construção do porvir; pluralidade; democracia.

RÉSUMÉ

L'ouverture d'un dialogue constructif comme moyen de construction de l'identité est le plus grand problème qui se pose à l'Occident des nos jours. Dans une société qui méprise l'autre comme un être humain, les problèmes non résolus de nos dernières deviennent des raccourcis à la perpétuation du jeu de puissance sanglante et les défis qui jalonnent l'histoire de l'humanité. C'est ce qui s'arrive à l'histoire répréhensible de camps de concentration nazis et l'absence d'une redéfinition visant à la libération de l'Occident de leurs erreurs passées. En prenant comme ligne directrice du récit historique des survivants du camp de concentration de Ravensbrück, la portée de cet article est de démontrer l'importance du dialogue comme une arme capable de résister à la déshumanisation imposée par les camps de concentration, afin de démontrer que même dans le milieu de tant traitements cruels, inhumains et perverse expérience, le dialogue est présenté comme le seul moyen viable de maintenir l'expérience humaine à travers l'opposition entre «soi» et «l'autre» pour former un «nous», ce qui devient d'une importance vitale pour la construction d'une société démocratique et pluraliste, dans laquelle chacun a ses histoires, les droits et les devoirs de cohabitation harmonieuse et équitable.

MOTS-CLÉS: Récit historique; dialogue; altérité; construction de l'avenir; pluralité; démocratie

I. INTRODUÇÃO

A memória, a história e o esquecimento são ideias que não se confundem, mas seus itinerários se cruzam constantemente num lugar que é o da representação do passado. De fato, um enigma parece circundar essa problemática que é o da representação do tempo pretérito, uma vez

que “o que foi”, já “não é mais” de modo a tornar complexa qualquer discussão acerca de um registro seguro e fiel do passado (RICOEUR, 2007).

Na medida em que os acontecimentos pretéritos não se encontram totalmente acessíveis no presente, a representação do passado emerge da construção de imagens e discursos que refletem o próprio aspecto seletivo e conflituoso da construção da memória histórica. Desse modo, a memória histórica não se encontra blindada dos obstáculos e dos abusos, decorrentes de distorções políticas e ideológicas. Ao contrário, ela constitui-se em torno de interesses, poder e exclusões, num lugar de conflitos sociopolíticos e de disputas pelo poder.

Nesse contexto, a questão do testemunho dos sobreviventes dos campos de concentração nazistas ainda se demonstra como matéria que merece e deve ser debatido, nas mais diversas perspectivas que se possa analisá-la.

Isso porque a tentativa do entendimento, a sua contextualização histórica, a sua interpretação e a sua ressignificação, após o distanciamento inexoravelmente provocado pelo arrastar do tempo é de suma importância para o pensamento ético, político e jurídico das sociedades atuais.

Assim, na medida em que o passado é aberto a reconstruções conflitantes no tempo presente, novas expectativas futuras podem ser incorporadas e rearticuladas nas visões de hoje, o que abre caminho para uma reescrita histórica permanente.

A compreensão do reprovável evento só pode ser alcançada através do contar o que se passou, ou seja, através da narrativa histórica e da interpretação das partes dessa narrativa face o todo que ela compreende. Essa reconstrução dos fragmentos do passado é igualmente uma reconstrução de sentido, na medida em que toma o ontem como um espaço de experiência e de disputa, lugar de consciência crítica e aprendizado de modo a viabilizar um olhar diferente sobre o presente que oportuniza a constante formação da identidade humana³.

3 Neste sentido: “*somente através dos outros é que adquirimos um verdadeiro conhecimento de nós mesmos. O que implica, entretanto, que o conhecimento histórico não conduz necessariamente à dissolução da tradição na qual vivemos; ele pode também enriquecer essa tradição, confirmá-la ou modificá-la, enfim, contribuir para a descoberta da nossa própria identidade*”. (GARDAMER 2003, 13).

Para isso, torna-se necessário o confronto do máximo de versões possíveis e interpretações conflitantes do que se passou para a significação desse ponto sensível da história da humanidade. A capacidade de revisitar as experiências de violência pretéritas e de enfrentar questões difíceis e delicadas de um passado ainda indisponível⁴ viabiliza o confronto crítico das várias perspectivas do fato histórico em questão, o que possibilita a formação de um novo tipo de consciência e, talvez, um novo agir nas relações humanas⁵.

Ademais, a reconstrução desse passado histórico cumpre o mister daqueles que não se afogaram no mal em sua forma mais absoluta – um mister ético, segundo a maioria dos sobreviventes – de fazer com que aqueles que terrivelmente submergiram na malévola espiral sobrevivam em nossas memórias, de modo a desenvolver uma investigação crítica do passado, sem sucumbir-se a ele., o que somente ocorrerá através de uma dimensão histórico-interpretativa⁶ do holocausto e de suas repercussões, pois

a consciência moderna assume – precisamente como uma consciência histórica, uma posição reflexiva com relação a tudo o que lhe é transmitido pela tradição. A consciência histórica já não escuta beatificamente a voz que lhe chega do passado, mas, ao refletir sobre a mesma, recoloca-a no contexto em que ela originou, a fim de ver o significado e o valor relativos que lhe são próprios. Esse comportamento reflexivo diante da tradição chama-se interpretação (GADAMER, 2003, 19).

Em se considerando os paradigmas atuais do Ocidente, especialmente no que é pertinente às suas relações das clássicas dicotomias amigo *versus* inimigo; inclusão *versus* exclusão; opressor *versus* oprimido e todas as demais variantes a caracterizar o “eu” ante o “outro” a compreensão desse passado pode demonstrar o quão pouco compreendemos da amarga lição⁷.

4 Sobre o conceito de memória indisponível, ver Ricoeur (2007)

5 Nesse sentido: “*será mais correto, portanto, ver na consciência histórica não um fenômeno radicalmente novo, mas uma transformação relativa, se bem que “revolucionária”, no interior daquilo que, desde sempre, constituiu o comportamento do homem em face de seu passado*” (GADAMER, op. cit. p. 45).

6 Que acaba por ser um processo de conscientização do holocausto e de suas repercussões no tempo histórico hodierno.

7 As recorrentes críticas de sobreviventes de campos de concentração nazistas à sociedade hodierna são contundentes nesse sentido, tal como a da ex-prisioneira política espanhola Nèus Català em *Ravensbrück – el infierno de las mujeres*: “*del mundo actual, lo que más pena me da es que parece que no se ha entendido nada. Los*

II.. DIÁLOGO COM O PASSADO: EXERCÍCIO HERMENÊUTICO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE.

Sobre o sentido de uma narrativa do ser prisioneiro em um campo de concentração, a memória e a pretensão de perpetuar a sobrevivência daqueles que não conseguiram voltar são as justificativas mais comumente dadas pelos sobreviventes do holocausto. Ao visar o não-esquecimento do ocorrido como uma forma de homenagem e permanência, a partir do compartilhamento do que foi vivido, é tentada a superação da efemeridade própria e característica do ser humano, num claro gesto de imortalização do homem individualmente considerado; essa imortalidade só pode ser alcançada pela narrativa histórica.

Além do alegado pelos sobreviventes, um argumento crível que não podemos deixar de considerar se trataria da tentativa de libertação do ocorrido através da afirmação de sua verdade⁸ (a do sobrevivente), confrontando-a com outras verdades que permeiam o holocausto, em clara tentativa de se fazer justiça por meio da história. Embora os acontecimentos pretéritos não se encontrem totalmente acessíveis no presente o que coloca em evidência a impossibilidade de descrever o passado tal como foi, tal perspectiva procura enfatizar o próprio papel fidedigno da memória, que quer revelar o que, de fato, ocorreu, no sentido de que aquilo que se lembra é reconhecido como algo que foi realmente experimentado⁹. Desse modo, investigar a verdade dos

enemigos son los enemigos, y sabemos que, hasta cierto punto, son irreductibles. Y las guerras, la injusticia en Asia, la de los niños esclavos de África, a los que obligan ser soldados, los que se mueren de hambre, de sida, de sed... Dejamos morir de hambre la gente y eso es algo que me indigna, porque la tierra es generosa para todos. !Eso es una gran injusticia, y nosotros habíamos luchado por otra cosa! Mientras haya estas injusticias, la guerra también nospude alcanzar a nosotros, no la tenemos tan lejos. Mirad la guerra de Irak, otra guerra injusta. !Tantos civiles muriendo! Dicen que son terroristas,pero nosotros también éramos terroristas para los alemanes, aunque no pusieramos ninguna bomba. Cuando empieza una guerra, no se sabe nunca cómo acabará. La pólvora empieza a correr y es muy peligroso, por eso tenemos que luchar por la paz”. (ARMENGOU; BELIS, 2004, 79).

8 Nesse sentido: “em sua linguagem, com seus valores morais e suas formas jurídicas, o indivíduo, o ser isolado, encontra-se sempre além de suas particularidades. O meio ético em que ele vive e o qual compartilha com os outros constitui algo de “sólido” que lhe permite orientar-se a despeito das contingências um tanto vagas de seus élanos subjetivos. Consagrar-se aos propósitos comuns, a uma atividade voltada para a comunidade, é o que, segundo Dilthey, libera homem de sua particularidade e de seu ser efêmero”. (GARDAMER, 2003, 32).

9 Sobre a relação complexa entre memória e verdade, ver Ricoeur (2007).

fatos dos campos de concentração, examinando seus rastros e vestígios, é confrontar perspectivas, procurando narrar o passado de maneira mais fiel possível, numa situação na qual a memória é um campo de disputa e de luta pelo poder. Sobre tal incômodo e os motivos de uma busca da verdade, temos a certa assertiva de Primo Levi:

Todo aquele que tenha suficiente experiência das coisas humanas sabe que a distinção (a oposição, diria um linguista) boa-fé/má-fé é otimista e iluminista, e o é ainda mais, e com muito mais razão, se aplicada a homens como aqueles recém-nomeados [refere-se aos nazistas]. Pressupõe uma clareza mental que é de poucos e que mesmo estes poucos perdem imediatamente quando, por um motivo qualquer, a realidade passada ou presente neles evoca provoca ânsia ou mal-estar. **Nessas condições, existe decerto quem minta de modo consciente, falsificando friamente a própria realidade, mas são inúmeros aqueles que levantam âncoras, afastam-se momentaneamente ou para sempre, das recordações genuínas e fabricam uma realidade conveniente. Para eles, o passado pesa; experimentam repugnância pelas coisas feitas ou sofridas e tendem a substituí-las por outras.** A substituição pode começar em plena consciência, com um cenário inventado, mendaz, restaurado, mas menos penoso que o real; **repetindo sua descrição, para outros mas também para si mesmo, a distinção entre verdadeiro e falso perde progressivamente suas linhas**, e o homem termina por acreditar plenamente na narrativa que fez tão frequentemente e que ainda continua a fazer, podendo e retocando aqui e ali os detalhes menos plausíveis, ou incongruentes entre si, ou ainda incompatíveis com o quadro dos acontecimentos sabidos: **a má-fé inicial tornou-se boa-fé.** A passagem silenciosa da mentira para o auto-engano é útil: quem mente de boa-fé mente melhor, desempenha melhor seu papel, adquire mais facilmente a confiança do juiz, do historiador, do leitor, da mulher e dos filhos (LEVI, 2004, 22).

Como se vê, a narrativa do passado nos campos de concentração pelos prisioneiros que sobreviveram é originária da necessidade de um confronto das realidades narrativas que emergiram dos fatos ocorridos sob o domínio nazista, uma necessidade imperativa e urgente, dada a possibilidade de a mentira se tornar verdade sob os auspícios da tradição, pois *“quanto mais os eventos se afastam, mais se completa e aperfeiçoa a construção da verdade de conveniência”* (LEVI, 2004, 22), algo que é agravado pela tendência acrítica como a tradição é comumente recebida. De fato, à medida que os acontecimentos estão cada vez mais distantes, a tendência é que a tradição passe a sedimentar-se como a única e verdadeira história, de forma a falsificar a própria realidade.

É dentro de um papel criticista e reflexivo que o diálogo das narrativas históricas pode abrir romper esse ciclo tautológico. Desse modo, não se pode olvidar sobre o papel da superação dos preconceitos nesse exercício hermenêutico, pois, mais que mero encontro entre o passado e o presente, se trata também do confronto e de um posterior encontro do meu “eu” com o “outro”, que, em tese deveria ser apto a formar um nós, no qual diferenças possam ser superadas, contribuindo para a solidariedade e elevação do homem. É propriamente no encontro com o “outro” que o “eu” é lançado numa exigência ética irreduzível e num processo de compreensão e reconstrução de sua identidade. A voz do “outro” é revelação e convida o “eu” ao reconhecimento de sua humanidade e, por conseguinte, a um ato de não violência, de responsabilidade e de justiça. (LÉVINAS, 2000) No confronto com o outro nasce o verdadeiro sentido da tolerância e abertura ética da irrupção da diferença. Sobre a superação dos preconceitos, temos, a título de ilustração, as próprias palavras de Primo Levi, em relação à pré-compreensão do papel das vítimas, dos algozes e das autênticas testemunhas do holocausto:

Repito, não somos nós, os sobreviventes, as autênticas testemunhas. **Esta é uma noção incômoda, da qual tomei consciência pouco a pouco, lendo as memórias dos outros e relendo as minhas muitos anos depois.** Nós, sobreviventes, somos uma minoria anômala, além de exígia: somos aqueles que, por prevaricação, habilidade ou sorte não tocamos o fundo. Quem o fez, quem fitou a górgona, não voltou para contar, ou voltou mudo; mas são eles os “muçulmanos”, os que submergiram – são eles testemunhas integrais, cujo depoimento teria significação geral. Eles são a regra, nós, a exceção (LEVI, 2004, 72).

Como se vê, a superação dos preconceitos trazidos pelos interlocutores é de vital importância por trazer novas perspectivas compreensivas, através do diálogo de versões que privilegiam a todos os atores envolvidos nesse exercício hermenêutico de reconstrução de uma narrativa histórica¹⁰, denotando não apenas uma maior aproximação da verdade dos fatos realmente ocorridos – utopia que não poderá ser alcançada –, bem como facilitando a compreensão, o aprendizado, a solidariedade e o pertencimento – ou sentimento de pertencimento

10 Sendo também um exercício hermenêutico o cuidado que se deve ter para não se incorrer na simples relativização do passado.

– que, ao que parece, é o verdadeiro fim procurado por todos aqueles que narram a sua experiência em um campo de concentração¹¹.

O testemunho dos sobreviventes deixa também denotar um sentido ético na construção e revificação da narrativa histórica do holocausto¹². Trata-se do confronto visando impedir a exclusão do sofrimento do “outro” através do esquecimento ou da negligência¹³, trazendo-no para o campo do “nós”, visando a construção de novas experiências e paradigmas éticos, calcados em

11 Ao que parece, a busca maior de praticamente todos os envolvidos naqueles eventos é a abertura de um diálogo, a narrativa de uma experiência que possa aproximar o ser humano de si próprio: *“se puede vivir después de una experiencia como ésta si no olvidas por que has luchado y puedes concienciar a alguien. Cuando veo a gente que te ve con normalidad, que acepta la discusión, que quiere saber, que se porta bien con la sociedad, eso me hace feliz. Por eso me gustó tanto el viaje que hicimos a Ravensbrück con un grupo de chicos y chicas en 2003. Me sentía paralizada de emoción al verlos. Me dieron las gracias y me dijeron que le había dado muy buenos consejos. A mí me gusta mucho estar con la juventud, quizá porque fui muy inquieta y lo continuo siendo”*. [Neus Català apud ARMENGOU; BELIS, 2004, 80]. Aclarando sobre o sentido da pertença em termos narrativos históricos: *“a par da Phronesis, há o fenómeno da compreensão, no sentido da Synesis modificação intencional do saber ético quando o que está em questão não é um saber “para mim” mas “para o outro”. Tal modificação comporta uma apreciação ética, na medida em que, por meio dela, nos colocamos na situação em que o outro deve agir. Aqui também não se trata de um saber geral, mas sim de sua realização concreta, motivada pela realidade do momento. Além disso, o fato de se “desfrutar do bom convívio” com alguém só manifesta todo o seu alcance ético no fenómeno ético da “compreensão”. Compreender o outro, como fenómeno original, não é o simples conhecimento técnico do psicólogo ou da experiência diária que possuem, igualmente, o “malicioso”, o “astucioso”. **A compreensão do outro supõe o engajar-se numa causa justa e, através desta, a descoberta de um vínculo com o outro. Esse vínculo se concretiza no fenómeno do “conselho moral”. Como se diz, “bom conselho” só se dá e se recebe entre amigos. Isso para enfatizar que a relação que se estabelece entre duas pessoas não é de duas coisas que nada tem a ver com a outra, mas que a compreensão – para empregarmos uma ideia com a qual já estamos habituados – é uma questão de “pertencimento”***. [GADAMER, 2003, 56].

12 Nesse sentido, o depoimento de Marie Jo Chombart de Lawue: *“as veces algunas personas te preguntan por qué tú has sobrevivido mientras tantas otras compañeras murieron, y si no tienes sentimientos de culpa. Eso nos es justo, porque la culpa es de los SS y del régimen nazi. El hecho de haber sobrevivido me impone unos deberes, una responsabilidad, una especie de misión, porque las camaradas que morían nos exigían que, si sobrevivíamos, teníamos que dar testimonio de todo aquello. Tengo la impresión de que llevo conmigo la voz de esos camaradas que perdieron la vida em los campos de la muerte. Es el deber de los supervivientes. As veces es duro, pero tiene que ser así”*. (ARMENGOU; BELI, 2004, 163).

13 Nesse sentido, o depoimento de Montsé Armengou e Ricard Beli, reporteres e editores de um programa de televisão espanhola deslocados a Füssen para para cobrir os eventos que celebrava o sexagésimo aniversário de libertação dos campos de concentração nazistas no campo de Ravensbrück, onde foram concentradas inúmeras prisioneiras políticas espanholas: *“cuando en la primavera de 2005 estábamos rodando el documental sobre Ravensbrück – y que luego dio pie a este libro, en el orden que siempre se da en nuestras investigaciones -, se nos acercó un señor del pueblo. Hablaba un castellano aprendido en Marbella, de donde seguramente había obtenido también el bronceado de su piel quemada. Se nos acercó a la mesa donde comíamos y con ademanes muy simpáticos nos preguntó qué hacíamos allí: <<¿Cómo es que ha venido un equipo de televisión desde tan lejos?>>. Nosotros, que volvíamos de un impactante recorrido por el campo, le respondimos de mal humor si no se lo*

fundamentos criticamente interpretados¹⁴. Enfim, trata-se de uma questão ética e de justiça a necessidade dessa narrativa.

III. DIÁLOGO, ALTERIDADE E SOLIDARIEDADE: A CONSTRUÇÃO E A ELEVAÇÃO DO HUMANO

Não se pode olvidar que a narrativa histórica do holocausto é oportunidade para diversas reflexões sobre o seu significado atual, bem como sobre uma – dolorosa – preleção que pode ser servível para a elevação do homem.

A compreensão do passado em comento vem ressignificar a importância do diálogo que, além de uma das mais marcantes características humanas, é verdadeiro vetor de humanização de uma sociedade cada vez mais bestificada, que embrutecida em seus cegos egocentrismos, tenta, pela força e pela exclusão, impor a verdade do mais forte, trazendo como consequência imediata, mais ódio e desumanidade.

Explicando-me melhor, percebe-se que apenas o diálogo foi capaz de salvar os prisioneiros de campos de concentração do completo processo de bestialização que a lógica dos campos nazistas tentavam operar em seus internos; aqueles que se mantiveram aberto ao diálogo, em todas as suas nuances e variantes é que conseguiram demonstrar a permanência e a consciência como seres humanos, aptos a experimentar a beleza e a solidariedade mesmo em uma lógica tão perversa. Estes mesmos são aqueles que, ao que parecem, conseguiram melhor superar

imaginaba, si no podía adivinar qué hacíamos en ese pueblo, y justamente la víspera del aniversario de la liberación del campo de concentración. La simpatía se esfumó y se marchó con sus amigos. Como muchos otros vecinos del pueblo, intenta vivir de espaldas a esta pesada losa. De hecho, en vísperas de la celebración del sexagésimo aniversario del final de la guerra y horas antes de recibir a miles de deportadas supervivientes de diferentes países, no había ningún cartel que recordase la efeméride en el pueblo de Füssenberg, que prefiere seguir anestesiado entre el olvido y la belleza de su paisaje". (ARMENGOU; BELI, 2004, 26).

14 E nesse sentido: “*toda experiência é um confronto, já que ela opõe o novo ao antigo e, em princípio, nunca se sabe se o novo prevalecerá, quer dizer, tornar-se-á verdadeiramente uma experiência, ou se o antigo, costumeiro e previsível reconquistará finalmente sua consistência. (...) Ela – a nova experiência – precisa triunfar sobre a tradição, sob pena de fracassar por causa dela. O novo deixaria de sê-lo se não tivesse que se afirmar contra alguma coisa*”. (GADAMER, 2004, 14).

– se é que se supera – as experiências dolorosas desses campos, tentando dar uma lógica e utilidade à experiência vivida.

Para a tentativa da compreensão da diferença que o papel da comunicação pode haver eticamente no ser humano, imprescindível um breve relato comparativo sobre o campo de concentração de presos comuns, em que sobrepujava uma maioria masculina enquanto força de trabalho servível, e o de Ravensbrück, que passou a maior parte do tempo ocupado por prisioneiras políticas.

Preliminarmente, deve ser considerado que o modelo e modo de funcionamento sobre os quais se estruturavam os campos de concentração nazistas permitem afirmar haver a clara transmissão de diversas mensagens aptas a viabilizar a implementação do dito Reich milenar. Dentre as mensagens mais diretas, podemos denotar a do terror e da demonstração de poderio desmedido, tornando ainda mais indefesa uma população que já se encontrava indefesa, facilitando a dominação; a demonstração de força aos países ocupados e aos ainda por ser anexados; a da fomentação e irradiação do ódio ao selecionado como excluível no cerne de todo ao aparato estatal, com o fim de redundar irremediavelmente tal mensagem no ideário coletivo de um povo¹⁵; e, no caso dos campos de concentração de presos políticos, o de demonstrar que qualquer cidadão que não se adequasse às normas e ideais nazistas ou deles divergisse estaria suscetível a adentrar no aparato mortífero do totalitarismo¹⁶. Como se vê, a interpretação dos

15 Neste sentido: SOUKI (2006); e MARLIO (1943, 188): “*dans les pays dictatoriaux, la haine n'est pas seulement la conséquence d'une politique néfaste; elle est un moyen de gouvernement; elle est voulue. La dictature ne peut durer que si la population est excitée contre un pays, une race, une idée.*”

16 Embora não seja muito aclarada a distinção entre presos comuns – criminosos e judeus – e políticos, verifica-se que o campo de Ravensbrück era na maior parte constituído por presas que haviam implicações políticas contra o regime nazista, entendendo-se por tal não só a filiação aos partidos e ligas comunistas, democratas ou social democratas ou aos movimentos de resistência clandestinamente estabelecidos nos países ocupados – célebres as resistências francesa e espanhola.

Melhor dizendo, os perseguidos por implicações sociais e religiosas eram, em certa medida, também considerados como presos políticos, podendo-se afirmar que tal campo era por excelência para a concentração de **prisioneiras consideradas políticas**; as presas por razões não políticas, isto é, por motivos raciais eram imediatamente exterminadas em outros campos por não servirem sequer de mão de obra para trabalho, cuja cota já seria cumprida pelas prisioneiras inicialmente estabelecidas em Ravensbrück. Neste sentido: “*The Nazis persecuted non-Jewish German opponents, both real and perceived. Whether, they were political (Communists, Social Democrats, Democrats), spiritual (Jehovah's Witness), or <<social>> (homosexuals) opponents. Nazi racial theory were valuable members of the race. These non-Jewish German opponents needed to understand their racial value and then follow their restored <<natural instinct>> to do the right thing: accept and internalize the Nazi vision of the*

campos de concentração demonstra uma sociedade que exclui o outro pelo ódio, não estando aberta ao diálogo com os seus concidadãos.

Embora semelhantes nos objetivos supramencionados, tem-se que o campos em que se alojavam os internos comuns visavam o fim maior de “*minar a individualidade dos prisioneiros e transformá-los em massa dócil da qual não pudesse surgir nenhuma ato de resistência individual ou coletiva*” (SOUKI, 2006, 57). Em relação aos presos políticos, especialmente as mulheres, há o interesse de exemplificar que as atitudes adotadas pelos nazistas não se limitavam a perseguir implacavelmente a uma raça ou determinados grupamentos de indivíduos, mas sim todos aqueles que dele discordassem, mesmo pelos motivos mais insignificantes¹⁷, funcionando, assim, como forte e amplo mecanismo de controle social. O fenômeno do totalitarismo, tal como visto na Alemanha, não se contentou simplesmente em abolir as liberdades públicas, mas procurou fazer-se valer como uma explicação infalível sobre o homem e seu mundo e, para poder não ser jamais refutada pelos fatos, ela eliminou toda e qualquer ameaça da irrupção da diferença assim como congelou toda espontaneidade humana suscetível de inaugurar algo novo no mundo. (ARENDDT, 1989)

Embora os campos de concentração de presos comuns e políticos mantivessem procederes bastante semelhantes em suas rotinas – em comum mantinham as seleções entre aqueles que

world”.

17 E torna-se esclarecedor dos fins dos campos de concentração de prisioneiros genericamente denominados como políticos – que não se limitavam meramente aos filiados a agremiações comunistas, mas todos aqueles que de alguma maneira ameaçavam o regime –, através do testemunho de Anitta Köcke, condenada e mandada a diversos orfanatos e depois a um campo de concentração anexo a Ravensbrück, pelo simples fato de ser filha de mãe solteira e de haver fugido de diversos orfanatos, em razão dos maus-tratos que sofria em tais instituições: “(...) ***nací fuera del matrimonio. En aquella época, eso era un pecado enorme, una falta grave, y a efectos prácticos significaba que tu madre no estaba preparada para educarte. La tutela se quedaba el Estado, y le correspondía a la oficina de menores encargarse de mí, hasta que cumpliera veintiún años, y eso solo porque mi madre no estaba casada. (...) Volví a escaparme, pero otra vez me capturaron, en aquella ocasión en Viena. La policía me consideraba una <<asocial>> y una <<holgazana>> por el mero hecho de ser hija de madre soltera y estar harta de recorrer orfelinatos. Me dijeron que si no obedecía, me llevarían a un sitio donde aprendería a trabajar de verdad.***

Me obligaran a trabajar en los astilleros en unas condiciones casi de esclavitud, hasta que hui por enésima vez. Mi destino era ser detenida para fugarme al poco tiempo. Pero esa vez, cuando me pillaron, me enviaron a la Uckermark, un subcampo de Ravensbrück al que iban a parar las jóvenes. Era el año de 1943 y aún no había cumplido los dieciocho.” (ARMENGOU; BELIS, 2004, 261-2).

seriam destinados a morrer de imediato¹⁸ e aqueles que seriam explorados como mão de obra escrava até a morte por exaustão –, os fins a que se destinavam eram distintos: nos campos de concentração de presos comuns prevaleceu o fim de demonstração do poderio nazista, impingindo medo e docilidade na população, bem como a perseguição da raça que deveria ser exterminada; já os dos denominados políticos, tinha por fim demonstrar, através da repressão, o castigo destinado a todo e qualquer cidadão que não obedecesse às prescrições e determinações hitlerianas, servindo inicialmente para fins de re-educação, aproximando-se, muito embora tenha, no declínio do Reich se aproximado do papel a ser desempenhado pelos campos de concentração de presos comuns.

Ao que parece, a mensagem subliminar que esses campos de concentração traziam era captada por todos os envolvidos no processo, dada as diferenças havidas nas relações interpessoais entre prisioneiros comuns e prisioneiros políticos, especialmente dentre as mulheres. Explicando melhor, pelo testemunho dos sobreviventes encontra-se uma enorme disparidade em relação a sentimentos de cuidado com o próximo, solidariedade, meios de resistência, a tentativa de ajuda ao próximo e a percepção de si próprio frente ao campo, segundo a finalidade a que o campo apresentava e o gênero de seus prisioneiros.

18 Apesar de não ser intenção inicial do regime nazista a eliminação de seus prisioneiros políticos, mas sim a reeducação através do trabalho como bem salientado acima, haviam os considerados *Nacht und Nebel*, isto é, marcados para não saírem vivos do campo, especialmente em razão de importância na atuação política. Não se deve olvidar que o trabalho extenuante em condições escravas e com insuficiência de alimentação certamente redundaria na morte, selecionando os que resistiam às condições para fins da pretensa readequação social, mas a morte não era diretamente provocada pela ação de câmaras de gás ou fuzilamentos, relegados, inicialmente, aos casos de faltas disciplinares graves, motivo porque entende-se que a solução final não era intencionada inicialmente para tais presos.

Contudo, a seleção de prisioneiras políticas para as câmaras de gás ou para o fuzilamento passou a ocorrer, efetivamente, apenas a partir do momento em que o engrandecimento das condenações dos presos não judeus passou a superlotar o referido campo de concentração, que tinha sua estrutura subdimensionada desde o seu início. O mecanismo para adotado para as seleções eram as “chamadas” (*appell*).

Durante as “chamadas”, as presas deveriam ficar formadas em filas, completamente imóveis por períodos que, muitas vezes, superavam doze horas, sempre sob as intepéries. Era proibida qualquer ajuda entre as presas, pois a tentativa de ajuda cominava em agressões físicas e, conforme a gravidade, na seleção para a morte; as que se mexiam ou caíam eram imediatamente selecionadas para a morte.

As “chamadas” eram justificadas como sendo punição às faltas disciplinares leves e como forma de ostensiva contenção à silenciosa resistência que as presas apresentavam dentro do campo (manifesta pelo trabalho em ritmo lento e laços de afeição e solidariedade entre as presas), através da disciplina e desumanização. Neste sentido: ARMENGOU; BELIS (2006).

Entre os prisioneiros políticos e os prisioneiros comuns, nota-se como reação normal um atordoamento inicial, a caída em profunda depressão e o desenvolvimento de uma apatia, que, se não rapidamente combatida, indubitavelmente levará à morte¹⁹. A apatia mortal acometia tanto os presos dos campos de concentração predominantemente masculinos quanto o das prisioneiras, tanto assim que várias morreram de inanição ou causas relacionadas à depressão como as narradas por Primo Levi. Pelos seus relatos também se percebe que o primeiro processo de desfiguração do homem enquanto homem ocorria exatamente através da perda da linguagem e da comunicação; a desnaturação iniciava-se e completava-se através da perda das conexões com o outro por meio da linguagem oral, asseverando-se gradativamente na perda de todas as demais formas de linguagem e comunicação, fazendo do homem uma besta fechada em si mesma.

Porém, percebe-se claramente, desde os primeiros momentos, a formação de uma rede de solidariedade e proteção mútua entre as mulheres que, agrupando em forma de pequenas famílias de cinco integrantes, tornou-se vívido exemplo de silenciosa resistência durante toda a estada no campo, combatendo e contestando a desumanização imposta pelo campo de concentração, nos termos narrados por Primo Levi²⁰. A reunião em pequenos grupos certamente pode ter se constituído em um meio eficaz de salvar inúmeras vidas²¹, dada a maior comunicabilidade que

19 É o que demonstra Primo Levi ao narrar a experiência tida com Null Achtzen, jovem prisioneiro em Auschwitz: “Null Achtzen é muito jovem o que representa grave perigo. Não apenas porque os rapazes aguentam menos que os adultos as fadigas e o jejum, mas, principalmente, porque aqui para sobreviver, precisa-se de um longo treino para a luta de cada um contra todos, que os jovens raramente possuem. Null Achtzen nem está especialmente enfraquecido, ms todos evitam trabalhar com ele. Tudo já lhe é tão indiferente, que não tenta fugir ao trabalho e às pancadas, nem procura comida. Executa todas as ordens que recebe; é provável que, quando for enviado à morte, ele vá com essa mesma absoluta indiferença. Ele não possui nem essa astúcia elementar das bestas de carga, que param de puxar antes de chegar ao total esgotamento; ele puxa, ou leva, ou empurra enquanto tem forças para isso; logo cede de repente, sem uma palavra de advertência, sem levantar do chão seu olhar opaco e triste. Lembra-nos dos cachorros dos trenós dos livros de London, que fazem força até o último alento e caem mortos nas trilhas. (LEVI, 2003, 42).

20 “Isso me revolta, mas bem sei que é confirme a regra: **os privilegiados oprimem os não privilegiados**. Na base desta lei, sustenta-se a estrutura do campo”. (LEVI, 2003, 43).

21 Neste sentido, o depoimento de Lisie London, mulher do escritor Arthur London, detida por ser membro da Resistência Francesa: Para passar a quarentena nos colocaram no barracão 21, que já estava ocupado por presas russas e polacas. Trezentas mulheres amontoadas em um cubículo planejado para menos da metade! Apesar destas terríveis condições, o primeiro mês foi de utilidade para organizarmos com o fim de resistir. Nos repartíamos os beliches: os de baixo para as mulheres mais velhas, as do meio para as deportadas em estado de saúde aceitável, e de cima para as mais jovens e ágeis, posto que para escalar os beliches era necessária a agilidade de um macaco. **Nos organizamos em famílias de cinco**. Cada família contava com uma mãe escolhida entre todas, que se encarregava

havia entre as presas, mesmo que não partilhassem do mesmo vernáculo – e as sobreviventes de Ravensbrück de maneira muito bem humorada falam sobre a criação de dialetos nessas famílias –, a criação de laços de solidariedade.

E tal diferença desde as primeiras impressões refletem na percepção de si próprio como indivíduo e repercutem nos pequenos, mas silenciosos atos de resistência, perpetrados pelos prisioneiros de cada um dos campos. Enquanto Primo Levi afirmava que eles eram todos “*animais cansados*” sem força ou possibilidades para sonhar ou resistir, as prisioneiras consideravam desde os pequenos atos de indisciplina (como amarrar os lenços que deviam usar no uniforme à moda da época) até a formação de redes solidárias e de atos de solidariedade (formação de barreiras de proteção para abrigar as mais velhas dos olhos dos guardas durante os exames nos quais deveriam permanecer desnudas), como formas de percepção delas mesmas como seres humanos, ainda não animalizadas, passíveis de sentimentos como colaboração mútua e solidariedade²². Viam nisso também uma forma de informar ao opressor: “tentem, mas não nos transformarão em bestas”.

Mas seria a comunicação o marcar da diferença entre o campo de concentração de Ravensbrück e os demais campos? Seria a suposta morte mais iminente nos campos de concentração masculinos que levariam o *Häftlinge* masculino a uma situação de egoísmo absoluto, a fazer com que só os piores, os mais adaptados sobrevivam, fazendo com que os melhores, os mais dotados de senso moral sucumbam?²³

de repartir equitativamente as escassas rações entre suas famélicas filhas. [Lise London apud ARMENGOU; BELIS, 2004, 133].

22 *Su condición de mujeres les hará la vida más difícil en el campo desde el primer momento. Aquel primer día, cuando se ven todas desnudas el pudor puede más que el miedo. Las chicas jóvenes sufrían tanta vergüenza por su desnudez como por la de las otras mujeres: hijas que no habían visto nunca a sus madres desnudas, nietas que habían visto nunca sus abuelas sen nada encima. Y de fondo, las risas de los SS, que se burlan de los pechos caídos, de los colgajos de las mayores. Quizá por esto, una de las primeras reacciones de resistencia emprendida por Barbara Reimann dentro del campo fue poner en primera fila a las más jóvenes. Así, desviando hacia sus cuerpos todavía un poco apetitosos la mirada lasciva de los guardias, formaban una especie de muro protector para las más ancianas.* (ARMENGOU; BELIS, 2004, 28).

23 Neste sentido, Levi (2004).

Ao que parece sim, pois a morte também era iminente no campo de concentração das prisioneiras políticas, na medida em que o suposto reaprendizado e readequação social almejado pelos nazistas se dariam através do trabalho, segundo a máxima *Arbeit Macht Frei* – o trabalho liberta, motivo porque as inaptas a trabalhar eram imediatamente mandadas à morte. E as que trabalhavam o faziam até a morte por exaustão.

A ânsia por melhor alimentação ou melhores condições de preservação da vida tal como narrado por Primo Levi também, por si só, não sustentariam a animalização abusiva ocorrida dentro de determinados campos dos outros campos de concentração, eis que as condições tanto em Ravensbrück quanto em Auschwitz – inverno e verão rigorosíssimos, parca alimentação, trabalhos extenuantes em condições desumanas, doenças, falta de condições de higiene, maus-tratos dos Kapos²⁴ – prevaleciam em ambos os campos, estando as mulheres em situação ainda pior, dada a sua condição de gênero²⁵.

Ao que parece, a maior facilidade de interação e demonstração de sentimentos de proximidade e afeto, características mais próximas do universo feminino que o masculino da época (e ainda de hoje), tiveram um papel decisivo na continuidade da própria identificação e do outro como um ser humano. Resumindo, o que contribuiu para que a desumanização frente a uma situação jamais imaginada por qualquer humano foi a comunicação, possibilitando a compreensão e um saber como se ocupar diante de uma situação tão adversa.

Lado outro, Primo Levi retrata um ambiente extremamente hostil, em que só os mais espertos, os que furtam, os que não demonstram solidariedade, os que não se ajudam sobrevive, chegando-se a um grau de violência e de banalização do mal entre pessoas que tornava práticas altamente reprováveis como sendo normais²⁶. E nas raras vezes que conseguiu narrar atos em que

24 Em Ravensbrück eram denominadas *Aufseherinnen* as equivalentes dos Kapos. Estes também entravam em contato com as prisioneiras, mas todas são unânimes em afirmar que as policiais eram terrivelmente mais violentas e desumanas que os policiais, sendo, geralmente denominadas “bestas humanas”, o que vem a confirmar que maldade e bondade não se conectam ao gênero, mas sim às condições ideais para a desumanização das pessoas.

25 “En muchas ocasiones sufríamos más por el simple hecho de ser mujeres, porque nos hacían hacer el mismo trabajo a que los hombres, sin tener su fuerza”. (ARMENGOU; BELIS, 2004, 74).

26 Nesse sentido: “aqui (no campo) a luta pela sobrevivência é sem remissão, porque cada qual está só, desesperadamente, cruelmente só. Se um Null Achtzehn vacila, não encontrará quem lhe dê ajuda, e sim quem o derrube de uma vez, porque ninguém tem interesse que um “muçulmano” a mais se arraste a cada dia até o

houve a oportunização da mínima comunicação entre os seres humanos envolvidos em tanta crueldade, pode ser percebida a clara salvação do humano.

Como se vê, a luta desmedida por respeito, vantagens e poderio na tentativa de sobrevivência, impedindo a conexão entre os diversos seres humanos, em um comportamento eliminador da alteridade, acabou por tornar mais desumano o que já era inumano.

Por outro lado, a experiência das prisioneiras de Ravensbrück ao manterem uma rede de solidariedade ampla, trocarem presentes entre si, repartirem a comida irmanamente²⁷, facilitada pelo ser um campo imensamente menor que os outros, o que permitiria maior interação social entre prisioneiros e o estabelecimento de relações interpessoais mais duradouras em que a ajuda mútua se revela mais satisfatória que o egoísmo desmedido é a lição ética que a interpretação da narrativa histórica dos campos de concentração pode comportar.

Deve o exemplo de Ravensbrück servir à reflexão para os inúmeros campos de concentração que o mundo possui atualmente: todo aquele que é demonizado e posto em condições de vidas extremamente indignas, deixa de se reconhecer (e ao outro) como ser humano. Na segregação do outro, perdemos o diálogo e as condições de igualdade e alteridade para nos tornarmos nós (os humanos) e os outros (subumanos), continuando-se na situação que impede a utópica e almejada paz entre os homens.

Em suma, apenas pela abertura do diálogo, a compreensão do outro através das contribuições que a experiência do outro pode trazer e, principalmente, por meio do respeito mútuo, pressuposto de todo diálogo, é que podemos nos fazer e permanecer humanos²⁸.

trabalho; e se alguém, por um milagre de sobre-humana paciência e astúcia encontrar um novo jeito para escapar ao trabalho mais pesado, uma nova arte que lhe propicie uns gramas de pão a mais, procurará guardar seu segredo, e por isso será apreciado e respeitado, e disso tirará uma própria, exclusiva, pessoal vantagem; ficará mais forte, e portanto será temido, e quem é temido é, por isso, um candidato à sobrevivência". (LEVI, 2003, 89). Note que a palavra muçulmano no sentido empregado nos campos de concentração refere-se ao indivíduo mais fraco e inepto, que fatalmente será destinado à "seleção".

²⁷ Neste sentido: "*Una caricia puede hacer mucho, puede salvar una vida porque te permite salir de ese mundo tétrico y ver que hay alguien que te quiere, que hay un ser humano como tu. (...) Allí todas éramos hermanas, no importaba cómo pensáramos. Y era posible encontrar belleza y bondad en medio de tanto horror". (ARMENGOU; BELIS, 2004, 70-1).*

²⁸ Todos hemos de aprender que el otro representa una determinación primaria de los límites de nuestro amor propio y de nuestro egocentrismo. Es un problema moral de alcance universal. También es un problema político. Em estas semanas y meses no puedo en absoluto subrayar con suficiente seriedad cuán crucial es la necesidad de aprender a

“Debemos aprender que escuchando al otro se abre el verdadero camino en el que se forma la solidaridad” (GADAMER, 1997).

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomar e narrar as experiências de tais campos de concentração nazistas é revelar e tornar viva parte de um contexto de intolerância que deixou sua marca negativa na história do homem, o que acaba por conduzir a memória histórica a um estado de verdadeira enfermidade. A questão que torna tão complexo o resgate desses relatos é que eles são ainda como feridas expostas aptas a desencadear revoltas e indignações que conduzem numa busca incessante por justiça, memória e reparação.

Diante das marcas das feridas não cicatrizadas que remetem as injustiças e violências vivenciadas diante da experiência totalitária alemã, reconstruir o passado acaba sendo, para alguns, uma forma de repisar constantemente os traumas como uma cobrança de uma dívida quase eterna que poderia, nessa perspectiva, implicar ciclos de ódio e de revanchismo.

No entanto, adotando uma posição diametralmente oposta, o texto presente compreende que a memória é um lugar de reconstrução e de luta, espaço de experiência (KOSELLECK, 2006; RICOEUR, 1997) no qual coabitam narrativas não contadas, promessas não cumpridas, sonhos irrealizados que afetam no presente nossas visões de futuro. Certamente, os acontecimentos passados são inapagáveis: não podemos desfazer o que foi, nem fazer com que o que aconteceu não tenha acontecido (RICOEUR, 1996, p.4). Mas ao invés, podemos tirar partido de seus ensinamentos, imprimir-lhe outro sentido ou ainda assumir a responsabilidade por seus erros e seus traumas (OST, 2005, p.28).

conseguir una solidaridad realmente efectiva entre la diversidad de las culturas lingüísticas y de las tradiciones. Esto se logrará sólo lenta y laboriosamente, y requiere que empleemos la verdadera productividad del lenguaje para entendermos, en lugar de aferrarnos obstinadamente a todos los sistemas de reglas con los que diferenciar entre correcto y falso. Sin embargo, cuando hablamos, pensamos ante todo en volvernos comprensibles a nosotros y al otro de tal modo que el otro pueda respondernos, confirmarnos o rectificarnos. Todo ello forma parte de un auténtico diálogo. (GADAMER, 1997).

Desse modo, as experiências relatadas aqui não constituem uma forma de remoer feridas expostas, mas de resgatar o passado como meio de possibilidade de um aprendizado com e na história, na intenção de fazer com que os erros pretéritos não mais se repitam. Trata-se de compreender que a história de injustiças e de violências do nazismo não deve ser nem um peso de um destino inexorável, muito menos um trauma que deve ser esquecido para ser superado. Essa história, ao contrário, pode ser concebida como um espaço de experiência e de disputa, lugar de consciência crítica e lição para a posteridade.

Assim, a experiência extraída do nosso breve relato dos campos de concentração fomenta-nos a reavaliar a ação humana e a história, nas suas dimensões mais obscuras e degradantes, o que, por sua vez, pode servir como uma base crítica para uma análise dos dias atuais, ainda que, hoje, o fenômeno totalitário não se manifeste de maneira evidente. Nas sociedades burocráticas modernas, impulsionadas por uma noção mercadológica, os acontecimentos políticos, sociais, jurídicos e econômicos de toda parte conspiram, silenciosamente, com os instrumentos totalitários inventados para tornar os homens supérfluos, num processo de coisificação do humano. (SOUKI, 2006, p. 11) O modelo do homem das sociedades de hoje é daquele que atua sob ordens, que obedece cegamente, que deve ser responsável somente pela sua própria sobrevivência e, desse modo, é incapaz de pensar em algo senão em si mesmo. A sociedade política é vista como um espaço formado por indivíduos atomizados, em que cada um se sente provocado contra os outros num contexto no qual o desrespeito e a exclusão contra o diferente constituem-se numa questão de interesse privado. O que tal fenômeno evidencia é o egoísmo como forma de desarticulação da vida política num desinteresse constante no que concerne à violência contra o direito do outro.

Na contramão desse panorama, os relatos do campo de concentração de Ravensbrück, ainda que marcados pela força desumanizadora do fenômeno totalitário, reafirmam o valor da solidariedade e do diálogo como forma de resistência em contextos de extrema adversidade. Resgatar sua experiência é trazer à tona o processo de libertação intrínseco à interação intersubjetiva e comunicacional como meio de construir e reconstruir valores e normas que dignificam as pessoas, tornando-as mais humanas.

É nesse contexto que a experiência relatada abre caminho para pensar os rumos do empreendimento democrático como forma de realização da humanidade do homem em nossos dias. A democracia não é, pois, concebida como uma mera estrutura do exercício do poder político, mas uma ordem política produzida inesgotavelmente pela ação humana numa rede de comunicação e solidariedade em que o homem pode, de fato, viver com os outros e ser o que é. Por tal razão, a democracia ainda é um “porvir” (DERRIDA, 2007), uma construção inacabada de novas e multifacetadas formas de ouvir a voz e a palavra do outro que interpela por justiça e direitos como condição para que a alteridade seja revelada (LÉVINAS, 2000). Tomar consciência do Outro constitui, ao mesmo tempo, autoconsciência e consciência que somente se consubstancia quando a sensibilidade permite conhecer as circunstâncias de outra realidade. Portanto, da própria convivência social, enquanto encontro e proximidade, é que se faz viável a conquista permanente de espaços democráticos nos quais a diferença possa ser, enfim, jurídica e eticamente respeitada.

Assim, lembrar Ravensbrück é possibilitar que a formação de uma consciência crítica, no presente, se instaure como oposição às mais diversas formas de colonização do outro, na medida em que podemos retomar esse passado e extrair dele uma lição diante dos seus próprios erros e tropeços. Uma aprendizagem que permita fomentar um estado de opinião que leve a pensar que qualquer violação dos direitos humanos em qualquer lugar do mundo não nos pode deixar indiferentes, sendo de todos a responsabilidade de evitá-las (WARAT, 2003).

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARMENGOU, Montsé; BELIS, Ricard. **Ravensbrück** – el infierno de las mujeres. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2010. 313 p.

DERRIDA, Jacques. **Força de lei**: o fundamento místico da autoridade. São Paulo: Martin Fontes, 2007.

GADAMER, Hans-George. **O Problema da Consciência Histórica**. 2 ed. Trad. Paulo César Duque Estrad. Rio de Janeiro: FGV, 2003. 71 p.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Contraponto, 2006.

KOSELLECK, Reinhart; GADAMER, Hans-George. **Historia y hermenéutica**. Trad. Faustino Oncina. Barcelona: Paidós Ibérica, 1997. 107 p.

LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes** – os delitos, os castigos, as penas, as impunidades. 2. ed. Trad. Luiz Sérgio Henriques. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Trad. Luigi del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Lisboa: Ed. 70, 1980.

MARLIO, Louis. **La révolution d'hier, d'aujourd'hui et de demain**. New York: Breenanos Inc., 1943. p. 165-191.

OST, François. **Contar a lei**: as fontes do imaginário jurídico. São Leopoldo: UNISINOS, 2005

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

RICOEUR, Paul. **O perdão pode curar?** 1996. Disponível em:
<http://www.lusosofia.net/textos/paul_ricoeur_o_perdao_pode_curar.pdf> Acesso em: 2 de jun. 2009.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas (SP): Papirus, 1997- v. 3

SOUKI, Nádia. **Hannah Arendt e a banalidade do mal**. Belo Horizonte: UFMG, 2006. 147 p.

UNITED STATES HOLOCAUST MUSEUM. Women during the Holocaust. Artigo *on line* disponível em <<<http://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10005176>>>, acessado em 05 jan. 2011.

UNITED STATES HOLOCAUST MUSEUM. Political prisoners. Artigo *on line* disponível em <<<http://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10007656>>>, acessado em 05 jan. 2011.

WARAT, Luis Alberto. Direitos Humanos: Subjetividade e Práticas Pedagógicas. In: Sousa Junior, José Geraldo de. et al (Org.). **Educando para os Direitos Humanos**: pautas pedagógicas para a cidadania na universidade. Universidade de Brasília: Síntese, 2003.